

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO IPPORTO, 24 de Abril de 2012

(nos 38 anos dos 25 de Abril de 1974)

***Bichos, Bichinhos e Bicharocos*, de Sidónio Muralha, ou acerca de um “caminho para levar alegria e poesia ao mundo dos mais pequenos”**

Sara Reis da Silva

IE-Universidade do Minho

sara_silva@ie.uminho.pt

Em finais de 2010, a reedição fac-símile de *Bichos, Bichinhos e Bicharocos*, de Sidónio Muralha, surpreendeu leitores e críticos literários/estudiosos. Na verdade, a opção por publicar uma obra especialmente vocacionada para a infância que tem mais de 50 anos – a primeira edição data de 1949 – é um acontecimento assinalável no actual panorama literário e/ou livreiro português. A bondade e a justiça desta edição afiguram-se-nos verdadeiramente indiscutíveis, se atendermos à relevância de que se reveste a produção literária de Sidónio Muralha, no âmbito da escrita de destinatário extratextual infanto-juvenil (mas não apenas) e na história da literatura portuguesa para crianças, além da própria in/atemporalidade dos temas tratados.

No domínio da historiografia literária, não deixa de ser curioso o facto de Sidónio Muralha (1920-1982) ser considerado e mencionado, ainda que de passagem e a par de Afonso Ribeiro (1911-1993), Manuel do Nascimento (1912-1966), Armindo Rodrigues (1904-1993), Alves Redol (1911-1929), por exemplo, na *História da Literatura Portuguesa* por António José Saraiva e Óscar Lopes, como um dos percursores do movimento neo-realista em Portugal, situado nos «primeiros agrupamentos da tendência» (Lopes e Saraiva, 1987: 1087), e, em contrapartida, nos anos 70 do século passado, numa época em que haviam sido publicados já vários títulos do autor em apreço, Esther de Lemos, tanto no opúsculo *A Literatura Infantil em Portugal* (1972), como na entrada dedicada à literatura infantil que, assina no *Dicionário de Literatura* (1973), dirigido por Jacinto do Prado Coelho, omitir a referência ao poeta de *Terra e Ar Vistos do Ar* (1981). Este facto é ainda mais

surpreendente se atendermos ao «desolador panorama» da literatura infantil da época, como sublinha Mário Dionísio, que deixa também registado, relativamente a *Bichos, Bichinhos e Bicharocos* “trata[r]-se do livro infantil mais seriamente preocupado, na sua concepção e realização, com a personalidade da criança que me é dado a conhecer.» (Dionísio, 1950: 52).

Sidónio Muralha, repartindo a sua vida entre Portugal e o Brasil, país no qual acaba por ser fixar por razões políticas em 1961, onde publica obras de reconhecido interesse e onde acaba por falecer, distingue-se pela forma como faz dos seus textos “ensaios” literários, sempre claramente artísticos, mas nos quais raramente deixa de lado a expressão de um sentido de cidadania ou de especial envolvimento sócio-político ¹, que corporiza, aliás, um impulso educativo, responsável e responsabilizante, um compromisso inabalável, já sublinhado por alguns estudiosos da obra deste autor (Magalhães, 2009; Ribeiro, 2010), revelador de um «amor pelo melhor do bem comum» (Dionísio, 1950: 51)..

Em *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal* (Caminho, 2001; 1ª ed. 1984), Natércia Rocha (1924-2004) regista o seguinte: «Muitas vezes, Sidónio Muralha encontra no animalismo o caminho para levar alegria e poesia ao mundo dos mais pequenos, sem deixar de ter olhos para o que se passa no mundo e não se pode ocultar às crianças.» (Rocha, 2001: 142). Com efeito, no primeiro livro que Sidónio Muralha dedica preferencialmente às crianças, *Bichos, Bichinhos e Bicharocos* (1949), a poetização de pequenos animais personificados, como sugere, em certa medida, o título da colectânea, além de desencadeada por uma motivação lúdica, não deixa de servir de pretexto para um exercício (estético, naturalmente) intencionalmente formativo e, muitas vezes, suscitado pelo ambiente social, olhado pelo poeta sem benevolências ou tentativas de disfarce em relação às crianças.

¹ Em alguns textos de um modo mais explícito e de forma politicamente comprometida, como acontece com *Terra e Mar Vistos do Ar* (Livros Horizonte, 1981), obra ilustrada por Fernando Lemos e publicada na colecção “Pássaro Livre”, e, em outros, de um modo menos directo, como sucede, por exemplo, com *Valéria e a Vida* (1976) ou *Helena e a Cotovia* (1979).

Com «curiosos desenhos» (Dionísio, 1950: 52) de Júlio Pomar (Lisboa, 1926) e música de Francine Benoit (1894-1990), nome igualmente conotado com o neo-realismo, *Bichos, Bichinhos e Bicharocos*, obra publicada, pela primeira vez, em 1949² e, posteriormente, reeditada em 1977, pela editora Livros Horizonte e com ilustrações distintas também assinadas por Júlio Pomar, exemplifica, a par de *Voa, Pássaro Voa* (1978), por exemplo, traços singularizantes da escrita de Sidónio Muralha apontados por Natércia Rocha na citação transcrita.

A edição fac-símile desta primeira edição, muito criteriosa e da qual nem a gralha na palavra «cãosinho», no índice, foi corrigida, permanecendo juntamente com a divertida errata que encerra o livro³, veio, pois, trazer para a luz do dia, esta obra emblemática do autor em questão, que, agora, ressurge com um prefácio da autoria de João Lobo Antunes (Lisboa, 1944), única nota de novidade, aliás, relativamente à publicação original. Tendo talvez passado despercebida a alguns olhos, esta reedição de “um livro maravilhoso, escrito a seis mãos sobre oito bichos e uma estrelinha, que é uma espécie de bichinho no céu, porque tem, assim me ensinaram, luz própria e cintilante» (2010: VII), como escreve, no referido paratexto, o neurocirurgião, galardoado com o Prémio Pessoa em 1996, veio colmatar uma importante lacuna, proporcionando o contacto com uma obra de referência obrigatória na historiografia literária portuguesa.

Na verdade, composta por nove poemas de extensão muito variável – «Bichinho de Conta», «Papagaio», «Estrelinha», «Pato Marreco», «Cãosinho» [sic], «Joaninha», «Macacos», «Sapo Sapinho» e «Grilos e Grilões» –, tendo oito animais

² Como regista Violante F. Magalhães, esta obra foi publicada nesta data a expensas próprias dos seus autores, dado que não encontraram editor disposto a tal. A mesma investigadora salienta que «Sidónio Muralha só voltaria a publicar textos para crianças, em Portugal, no pós 25 de Abril de 1974.» (Magalhães, 2009: 141).

³ «Gralha, que é por sinal um pássaro muito barulhento, quer também dizer erro tipográfico. Uma dessas gralhas entrou no índice do nosso livro e só assim se explica que a palavra cãosinho apareça escrita com s, quando, na verdade, deverá escrever-se com z. O cãozinho, que ficou muito triste quando viu a gralha, pede a todos os seus amiguinhos o favor de lhe corrigirem o nome.» (Muralha, 2010).

como figuras centrais e uma pequena estrela desobediente, esta colectânea corporiza um gosto especial pelos jogos de palavras e de sentidos, ao serviço, não raras vezes, de uma intenção crítica, que caracterizam genericamente a escrita dedicada à infância por Sidónio Muralha.

Recriando alguns ditos e movimentos/gestos lúdicos da infância, como se observa logo no poema de abertura da obra, «Bichinho de Conta», ou, até mesmo, em «Estrelinha», os textos apresentam uma simplicidade verbal e estrutural – ou, como menciona Natércia Rocha, «sem desperdícios vocabulares» (Rocha, 2001: 102) – uma simplicidade, dizíamos, associada a uma ritmicidade e a uma cadência muito estimulantes, como, aliás, deixam transparecer as pautas/melodias criadas por Francine Benoit e incluídas no volume.

Para estas, contribuem as repetições de esquemas versificatórios (como em «Pato Marreco») e de palavras, como, por exemplo, em «Papagaio», poema igualmente significativo do ponto de vista dos efeitos e das implicações do processo de antropomorfização de animais na denúncia de certos defeitos humanos e/ou sociais:

“Papagaio

O papagaio é,
É, como muitas pessoas,
Um bicho que faz banzé
E que põe no mesmo pé
Coisas boas e coisas más...

E como tudo o que diz,
O diz gritando, é pedante,
E é um bichinho feliz
Talvez por ser ignorante.

Diz não, mas repete sim.
Diz sim, mas repete não.

Só pensa no amendoim
E é um grande comilão.

E como põe energia
Quando diz tudo e diz nada
Faz parte da academia
Da ilustre bicharada.

Nos discursos que faz,
Faz tal confusão,
Que nenhum bicho é capaz
De saber quem tem razão.

Porque o papagaio é,
É, como muitas pessoas,
Um bicho que faz banzé
E que põe no mesmo pé
Coisas más e coisas boas.» (Muralha, 2010: 11-12).

Acrescente-se às estratégias já referidas a adjectivação expressiva, a presença frequente de trocadilhos ou homofonias e homonímias, ou o recurso ao discurso directo e, por vezes, à construção dialógica (como em «Sapo, Sapinho»), bem como a um tom interpelativo (como no final de «Cãozinho»), aspectos discursivos que diferenciam os poemas em análise, dando conta quer da tendência para ensaiar pequenas narrativas em verso, quer, em termos globais, do estilo vivo que caracteriza a escrita poética de Sidónio Muralha.

Uma referência, ainda, à recuperação alusiva de rimas infantis, processo criativo que, com especial incidência, tem pontuado a poesia contemporânea para a

infância⁴, e que ganha forma, por exemplo, no poema «Joaninha», texto que dá, também, ainda conta das dificuldades dos mais frágeis e, indirectamente, das desigualdades sociais:

«Joaninha

A joaninha bonita
 Que mora a meio do caminho
 Da rua das violetas
 Tem um vestido de chita
 Todo ele encarnadinho
 E cheio de bolinhas pretas.

E quando a gente lhe diz:
*- “Joaninha voa, voa,
 não me digas que tens medo,
 se voas serás feliz
 que o teu pai está em Lisboa
 foi lá comprar um brinquedo...”*

A joaninha responde:
*“Se és amigo verdadeiro
 não me digas voa, voa,
 - voar sim, mas para onde? -
 o meu pai não tem dinheiro
 para ter ido a Lisboa...”*

E a joaninha bonita
 lá se fica no caminho

⁴ Por exemplo, Alberta Menéres, Eugénio de Andrade, Vergílio Alberto Vieira, Matilde Rosa Araújo, Luísa Ducla Soares, Mário Castrim, Violeta Figueiredo, José Jorge Letria e, mais recentemente, Maria da Conceição Vicente ou João Manuel Ribeiro, entre outros.

da rua das violetas
com um vestido de chita
todo ele encarnadinho
e cheio de bolinhas pretas...» (Muralha, 2010: 20-21).

Na verdade, do ponto de vista ideotemático, importa salientar, de igual modo, o tratamento de tópicos como a vaidade e/ou a negação das origens (como em «Sapo Sapinho») ou o egoísmo, a opulência e a exploração dos mais desprotegidos (como em «Grilos ou Grilões»), sempre num estilo, recorrendo às palavras de Mário Dionísio, «fundamentalmente directo» (Dionísio, 1950: 52), numa linha crítica que, cultivada a partir da convicção de que a literatura infantil encerra «capacidades de passar mensagens de empenhamento social» (Magalhães, 2009: 155), acaba por demarcar também a escrita de outros importantes autores da literatura portuguesa para a infância, em particular, de Matilde Rosa Araújo ou, por exemplo e de certa maneira, de Luísa Ducla Soares ou Vergílio Alberto Vieira. Mesmo a opção por uma temática global que coloca em primeiro plano elementos da natureza como os animais dos poemas em análise testemunha uma visão do real/atenção à realidade circundante que, em última instância, é sinal de um respeito visível em sucessivas e múltiplas tentativas de acção educativa a partir da arte, numa atitude que contempla inclusivamente uma inovadora (para a época) consciência ambiental. Este parece ser inclusivamente um dos legados da obra de Sidónio Muralha, testemunhados, por exemplo, em textos diversos da autoria de Luísa Ducla Soares, Natércia Rocha, Maria Alberta Menéres ou José Jorge Letria (neste último caso, galardoados com prémios como «O ambiente na literatura infantil» - em 1982, *O Grande Continente Azul* e, em 1985, *Uma Viagem no Verde* -, distinção igualmente atribuída, em 1976, a Sidónio Muralha com a obra *Valéria e a Vida*).

As ilustrações de Júlio Pomar (Lisboa, 1926), artista plástico também ele cultor da estética neo-realista na pintura portuguesa entre 1945-1957, revelando uma parte do que se poderá designar como «o bestiário fantástico de Pomar» (Muralha, 2010: XI), primam pela contenção cromática e pela descrição do traço, destacando-se a linha a negro enquanto esqueleto de toda construção visual da obra,

que, além de se afigurar muito rara, espelha uma espécie de «(falsa) facilidade» (Muralha, 2010: XII), uma «quase insustentável leveza» (Muralha, 2010: XII). A relação ou a articulação das imagens com os poemas evidencia uma inegável originalidade (recorde-se a data de primeira edição desta obra e o estilo cultivado na época), reforçando a componente humorística dos textos, acentuado o dinamismo de certos quadros – trata-se, na verdade, como escreve Rita Taborda Duarte, de um «traçado em movimento» (Duarte, 2010) – e distinguindo-se, em alguns casos, pela associação estreita com o discurso poético. É o que sucede, por exemplo, com «Macacos» e com a fragmentação/distribuição de certas estrofes ou a inscrição de alguns versos a “legendarem” determinados quadros visuais, que ostentam um conjunto de figuras correlacionadas, delineadas a negro e azul escuro, uma estratégia que parece reflectir algumas marcas de narratividade do texto e que permite aproximar esta sequência poética em concreto dos esquemas de construção próprios de um género editorial contemporâneo e ainda em emergência, o álbum poético.

Como sintetiza José António Gomes, em *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude* (1997), estes poemas «põem em cena animais personificados que revelam formas infantis de ver o mundo ou vivem situações demasiado humanas, em que se torna patente uma condenação da vaidade, da ambição, do discurso palavroso e de uma organização social injusta». Pelas razões brevemente expostas, cremos que *Bichos, Bichinhos e Bicharocos* espelha a qualidade invulgar da poesia de Sidónio Muralha, autor cuja obra completa merecia já uma reedição.

Referências bibliográficas:

- DIONÍSIO, Mário (1950). “*Bichos, bichinhos e bicharocos*, por Sidónio Muralha, Júlio Pomar, Francine Benoit” in *Vértice*, Vol IX, nº 77, Coimbra, Jan. 1950, pp. 51-52.

- DUARTE, Rita Taborda (2011). “*Bichos, Bichinhos e Bicharocos*, de Sidónio Muralha (recensão)” in

<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=30775>

(consultada no dia 21 de Abril de 2012).

- GOMES, José António (1997). *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a juventude*. Lisboa: MC-ILPB.

- MAGALHÃES, Violante F. (2009). *Sobressalto e Espanto. Narrativas Literárias sobre e para a Infância, no Neo-Realismo Português*. Lisboa: Campo da Comunicação.

- MURALHA, Sidónio (2010). *Bichos, Bichinhos e Bicharocos*. Lisboa: Althum.com / Centauro (em parceria com o Museu do Neo-realismo) (ilustrações de Júlio Pomar) (Prefácio de João Lobo Antunes).

- RIBEIRO, João Manuel (2010). «"Todos os machados do mundo não valem o que é vivo": o meio ambiente na obra de Sidónio Muralha» in *Malasartes [Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude]*, Nº 20, Novembro de 2010, pp. 42-45.